



REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

Bioinsumos ganham espaço no campo e movimentam mercado bilionário

EM PAUTA

Ast Facilities investe no compromisso com a higienização corporativa

Empresa junta sustentabilidade e qualificação técnica

Sofia Kramp Leke
sofial@jcrs.com.br

A trajetória da empresa começa em 1998, quando a AST Facilities iniciou sua atuação no ramo de contratação de mão de obra temporária, terceirização e recrutamento e seleção de efetivos. Com origem em Porto Alegre, a companhia gaúcha, conforme seu crescimento, passou a direcionar suas atividades para a higienização corporativa, consolidando assim, um posicionamento voltado à sustentabilidade e à qualificação técnica. Atualmente, a atuação da AST Facilities engloba áreas de cui-

dado como o setor hospitalar, onde a higienização exige protocolos rigorosos e controle constante de qualidade do ambiente.

Entre os clientes atendidos estão instituições como o Hospital Moinhos de Vento, além de grupos empresariais como Zaf-fari, Bourbon, Taurus, Metasa e Bruning, onde estão os setores hospitalar, varejista, industrial e corporativo. A empresa evidencia sua adaptação em diversos de seus serviços devido a diferentes demandas, mantendo padrões técnicos e operacionais consistentes, independentemente do porte ou segmento do cliente.

Um dos marcos recentes da companhia foi a conquista do certificado de acreditação da Organização Nacional de Acreditação, chamado de Acreditação ONA. "Somos a primeira empresa de facilities do Rio

Grande do Sul a conquistar a Acreditação ONA. A certificação reconhece padrões de excelência na área da saúde e é membro da International Society for Quality in Health Care (ISQua). No Brasil, já foram emitidas mais de 1,1 mil certificações, a maioria delas para serviços hospitalares, laboratoriais e ambulatoriais", conta Flávio Nascente dos Santos, diretor-executivo da AST Facilities.

Na parte da inovação, a empresa foca em soluções onde a tecnologia e a sustentabilidade possam trabalhar juntas. Um exemplo disso é o desenvolvimento do BrilhAST, produto com 85 por cento de matéria prima-natural e biodegradável que substitui até dez insumos químicos, além de simplificar processos e reduzir estoques. A companhia também incentiva o

uso consciente da água e conta com embalagem retornável por até cinco ciclos, alinhando responsabilidade ambiental em suas operações.

Ainda no campo da sustentabilidade e práticas ESG, a qualificação da mão de obra se reflete diretamente com elas. Em 2026, a AST Facilities ampliou o programa Jovem Aprendiz em parceria com a QI Escolas e Faculdades, promovendo um mutirão de contratações voltado a jovens entre 18 e 23 anos que estivessem cursando ou já tivessem concluído o ensino médio. Os participantes selecionados receberão bolsa integral financiada pela AST para cursar o técnico em Segurança do Trabalho com uma duração de dois anos, além de alimentação nos dias de prática e vale-transporte.



AST FACILITIES/DIVULGAÇÃO/JC

Fundei a empresa em 1998 em Porto Alegre e ela prosperou nestes quase 30 anos. A meu ver, quem vence no RS, vence no Brasil. Por isso, faz parte do DNA da empresa manter as raízes neste Estado, evitando o êxodo de mão de obra e ofertando oportunidades que dão sentido maior à vida das pessoas através do trabalho

Flávio Nascente dos Santos
Diretor-executivo

Raio-x

- **Empresa:** AST Facilities
- **Ano de fundação:** 1998
- **Cidade de origem:** Porto Alegre (RS)
- **Área de atuação:** Higienização corporativa ecossustentável (limpeza verde)
- **Diferenciais competitivos:** produtos e processos ecossustentáveis, gestão independente e operação padronizada com personalização conforme o cliente. Marca genuinamente gaúcha, com produto próprio, carteira tradicional e histórico de premiações.
- **Principais desafios no mercado atualmente:** acompanhar a robotização sem perder o protagonismo humano. Investir em tecnologia e, sobretudo, na formação do técnico de higienização corporativa, com capacitação contínua.
- **Onde a empresa quer estar em cinco anos:** dobrar de tamanho, ampliando o número de profissionais, mantendo a liderança construída ao longo de quase 30 anos e consolidando-se entre as marcas mais lembradas do setor.



VICTÓRIA MARTINS/DIVULGAÇÃO/JC

Neste ano, a empresa ampliou o programa Jovem Aprendiz em parceria com a QI Escolas e Faculdades, promovendo um mutirão de contratações

FEED



A escada da riqueza: Estratégias comprovadas para cada etapa da sua vida financeira; Nick Maggiulli; Editora Portfolio-Penguin; 224 páginas; R\$ 69,90; Disponível em versão física e digital.

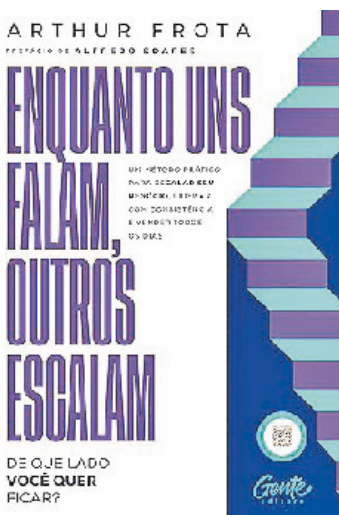
Desenvolvimento

A escada da riqueza é o livro para o leitor que sente que trabalha cada vez mais, corta gastos, faz “tudo certo” - e ainda assim sente que não sai do lugar financeiramente. A problemática não é falta de esforço, sorte ou disciplina. É estratégia. A leitura mostra o que precisa ser feito durante cada etapa financeira.

A obra apresenta um quadro de referência inovador para construir riqueza. Em vez de regras fixas ou fórmulas, o cientista de dados e especialista em gestão de patrimônio Nick Maggiulli propõe um modelo flexível que acompanha as mudanças de carreira, da economia e das suas prioridades.

Um sistema que não diz apenas o que fazer, mas ensina como pensar suas finanças ao longo do tempo.

O livro mostra que a riqueza não cresce de forma linear, ela avança em etapas. Cada degrau da Escada da Riqueza representa um nível distinto de patrimônio e muda completamente a forma como você ganha, gasta, e investe dinheiro. Por isso, conselhos financeiros que passam ao longo da vida parecem contraditórios, eles só não estão adequados ao lugar que você está na Escada naquele momento. A escrita ajuda o leitor a identificar em qual degrau está, e quais decisões mais fazem sentido no momento.



Enquanto uns falam, outros escalam... Arthur Frota; Editora Gente; 176 páginas; R\$ 79,90; Disponível em versão física e digital.

Gestão e Liderança

Em “Enquanto uns falam, outros escalam: de que lado você quer ficar?” Arthur Frota, fundador da Tallos, compartilha aqui sua jornada ao topo do mercado de tecnologia transformada em método. O autor acredita que todo empreendedor que decide criar algo do zero já enfrentou a sensação de estar em constante movimento sem saber se está realmente avançando.

Segundo a obra, o que paralisa e destrói empresas é o desalinhamento interno entre o que se deseja construir e o que de fato está sendo feito. Nascido da prática e testado sob pressão, o Método ESCALE Estratégia, Sistemas, Cultura, Aquisição, Liderança e Execução é a base para quem quer crescer com consistência, criar empresas com alma e operar com excelência.

Com este livro, o leitor vai aprender a: diagnosticar o que trava o crescimento da sua empresa e agir com foco; definir seu cliente ideal, estruturar um modelo de vendas e dominar seus indicadores; sistematizar processos para escalar sem perder eficiência; construir uma cultura forte, com liderança real e time alinhado; transformar visão em execução, com estratégia e disciplina. Para Frota, crescer não é só vender mais. É construir uma base sólida para sustentar esse crescimento.

Vendas

O livro, com data de lançamento marcado para o dia 24 de abril é escrito em coautoria por Jeb Blount, CEO e fundador da Sales Gravy, ele ainda aconselha as principais organizações do mundo e seus executivos sobre o impacto da inteligência emocional e das habilidades interpessoais nas vendas, liderança e experiência do cliente, e Anthony Iannarino, escritor, que atuou por vinte anos em vendas e na liderança de equipes comerciais em um mercado extremamente competitivo, de recrutamento e seleção.

Os leitores aprenderão como automatizar tarefas repetitivas, realizar análises e pesquisas extensivas, construir pipeline, elaborar mensagens poderosas e

únicas para se destacar na multidão e encurtar o ciclo de vendas. A escrita desmistifica a IA e demonstra seu potencial para dar mais tempo ao vendedor, alavancar sua vantagem humana e construir relacionamentos mais profundos e soluções vencedoras que dão a você uma vantagem sobre a concorrência.

Navegar pelo novo mundo da IA pode parecer assustador, mas os autores mostram em As Vantagens da IA, que na verdade é uma jornada de empoderamento, inovação e profunda conexão humana uma leitura essencial para todos os profissionais de vendas que buscam colher os benefícios de adotar uma abordagem proativa para esta nova tecnologia revolucionária.



CIEE-RS lança Viva+: mais acesso à saúde para quem mais precisa

Ampliar o cuidado em saúde e reduzir o tempo de espera por atendimentos especializados ainda são desafios centrais no Brasil - especialmente para quem vive em situação de vulnerabilidade. É justamente nesse ponto que iniciativas inovadoras podem fazer a diferença.

O lançamento do Viva+, pelo CIEE-RS, na última quinta-feira (26), responde a essa necessidade com um modelo estruturado de teleatendimento gratuito, que leva consultas especializadas com mais agilidade e organização.

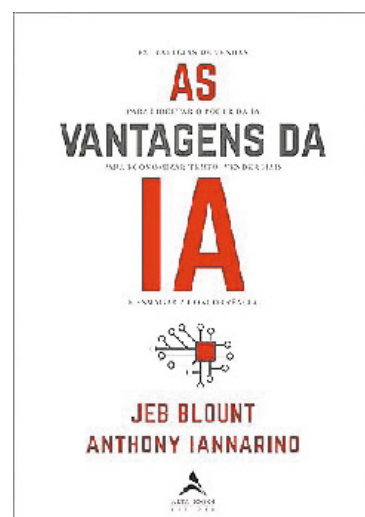
Nesta primeira etapa, a iniciativa beneficiará mais de 10 mil famílias atendidas pelo Programa Família Gaúcha, da Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Sedes), executado pelo CIEE-RS.



Na prática, o acesso começa com a triagem realizada por profissionais que já acompanham essas famílias. A partir dessa escuta, as consultas são agendadas e realizadas de forma online, conectando os usuários a especialistas em diversas áreas, como clínica geral, pediatria, ginecologia, neurologia e dermatologia.

Com cerca de 1.300 atendimentos mensais, organizados a partir dessa rede, o programa enfrenta um dos principais entraves da saúde pública: a demora no acesso. A resolutividade do teleatendimento acelera diagnósticos, viabiliza prescrições digitais e direciona, quando necessário, para outros serviços.

“A expectativa é que, com esse volume de consultas, seja possível zerar a fila por atendimento especializado para essas famílias nos próximos 10 meses”, destaca Baldisserotto. Ao unir tecnologia, gestão e presença social, o Viva+ não apenas amplia o acesso - mostra que é possível fazer a saúde chegar mais rápido e com mais qualidade a quem mais precisa.



As vantagens da IA: estratégias de vendas para libertar o poder da IA para economizar tempo... Jeb Blount; Anthony Iannarino; Editora Alta Books; 240 páginas; R\$ 74,90; Disponível em versão física e digital.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000



con-
tos



VISÃO EMPRESARIAL

Ronald Krummenauer

Vice-presidente da área de Educação da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA)

A educação brasileira precisa ser resetada

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de qualquer nação. No entanto, o Brasil ainda enfrenta desafios estruturais que revelam um sistema educacional preso ao passado. Apesar dos avanços no acesso à escola ao longo das últimas décadas, a qualidade do ensino permanece aquém do necessário, evidenciando a urgência de uma transformação profunda.

Nas últimas décadas, o País conseguiu universalizar, em grande parte, o acesso à educação básica, alcançando índices de 95% a 97% de crianças na escola. Esse avanço representa uma importante conquista social. Contudo, esse progresso quantitativo não foi acompanhado por melhorias significativas na qualidade do ensino. Os resultados de avaliações como o PISA e o IDEB demonstram que o desempenho dos estudantes brasileiros continua baixo, indicando uma crise educacional persistente.

Grande parte do problema reside no fato de que o Brasil ainda discute questões típicas do século XX. Estruturas físicas precárias, modelos de ensino ultrapassados e a desvalorização dos professores continuam sendo temas centrais. São pontos importantes, mas precisam ser acompanhados do mais importante que é o aprendizado dos alunos. Enquanto isso, o mundo avança em direção a uma educação baseada em tecnologia, inovação e desenvolvimento de competências para o século XXI. O descompasso é evidente: enquanto outros países investem em inteligência artificial e metodologias ativas, muitas escolas brasileiras ainda carecem de acesso básico à internet.

Além disso, há uma fragmentação nas políticas educacionais

e uma falta de alinhamento entre os diferentes níveis de governo e o setor privado. A educação frequentemente aparece como prioridade em discursos políticos, mas não se traduz em ações efetivas e consistentes na gestão pública. Soma-se a isso a baixa percepção da sociedade sobre a centralidade da educação para o desenvolvimento econômico e social do País.

Experiências pontuais demonstram que mudanças são possíveis. Iniciativas que utilizam tecnologia para a gestão da aprendizagem já apresentaram resultados expressivos, com melhorias significativas no desempenho dos alunos. Isso evidencia que, com planejamento, inovação e compromisso, é possível transformar a realidade educacional.

Diante desse cenário, fica claro que a educação brasileira não precisa apenas de ajustes superficiais, mas de uma reformulação estrutural. É necessário repensar o modelo educacional, valorizar os professores, investir em formação continuada, integrar tecnologia e alinhar políticas públicas com as demandas contemporâneas.

Portanto, mais do que reformas pontuais, o Brasil precisa resetar sua educação. Isso significa romper com práticas ultrapassadas e construir um sistema educacional moderno, eficiente e inclusivo, capaz de preparar os estudantes para os desafios do presente e do futuro.

Aproveito este último parágrafo para agradecer a oportunidade de colaborar com o Jornal do Comércio durante o período que estive vice-presidente de Educação da ACPA – Associação Comercial de Porto Alegre. Meu mandato termina nos próximos dias e até uma próxima oportunidade.

Iniciativas que utilizam tecnologia para a gestão da aprendizagem já apresentaram resultados expressivos

OPINIÃO

CIO e CTO: arquitetos de futuros possíveis

Léo Santos

CTO da Delfia

Durante muitos anos, o sucesso de um CIO ou CTO foi medido pela estabilidade da infraestrutura, eficiência operacional e capacidade técnica. Em 2026, liderar tecnologia significa liderar pessoas, decisões e crescimento do negócio. Segundo o Gartner, mais de 70% das iniciativas estratégicas das empresas já dependem de tecnologia, e quase 50% dos CEOs esperam que o CIO seja corresponsável pelo crescimento da receita.

O principal desafio do CIO hoje é de orquestrar expectativas do board, demandas do negócio, riscos cibernéticos e pessoas. A cadeira de CIO passou a exigir estratégia, comunicação e impacto financeiro. Traduzir projetos técnicos em resultados tangíveis virou competência básica.

O segundo grande desafio é humano e geracional. Profissionais da geração X, millennials e geração Z convivem nas mesmas equipes, com visões muito diferentes sobre trabalho, carreira e propósito. Pesquisas da Deloitte mostram que 44% da geração Z rejeitam modelos tradicionais de liderança e priorizam aprendizado contínuo e flexibilidade. Para o CIO, isso exige assumir uma postura muito mais de mentor para conectar talentos.

Já o terceiro desafio está no

equilíbrio entre velocidade e segurança. A mesma IA que acelera inovação também amplia riscos. Relatórios da IBM indicam que mais de 80% das empresas já enfrentaram incidentes ligados a uso inadequado de dados ou automações mal governadas.

É preciso conectar iniciativas a indicadores de negócio como margem, churn, time to market e experiência do cliente. Quando a tecnologia fala a linguagem do negócio, ganha espaço nas decisões.

No campo da liderança, não existe mais um estilo único que funcione para todos. Estudos da McKinsey mostram que equipes lideradas de forma flexível podem alcançar até 25% mais produtividade.

Em relação à Inteligência Artificial, não se trata de adotar IA por tendência, mas de entender onde ela gera vantagem competitiva. Organizações com centros de excelência em IA, segundo a Accenture, têm até 40% mais retorno

sobre seus investimentos digitais. Isso envolve dados bem organizados, ética, segurança e capacitação das pessoas.

Saber ouvir, adaptar discursos e extrair o melhor de perfis diversos impacta no engajamento, retenção de talentos e resiliência organizacional; além de alfabetização estratégica em IA, para entender seus impactos em custos, riscos e decisões. A PwC aponta que líderes com domínio estratégico de IA tomam decisões até 33% mais rápidas e previsíveis. O CIO ou CTO passou a ser um verdadeiro arquiteto de futuros possíveis. Isso exige coragem para desaprender modelos que funcionaram no passado e construir novas pontes entre gerações, entre tecnologia e negócio, entre inovação e responsabilidade.

Quem compreender essa transformação estará preparado para um ciclo contínuo de mudança que já começou.

Em relação à Inteligência Artificial, não se trata de adotar IA por tendência, mas de entender onde ela gera vantagem competitiva



Caso Master e o Código de Defesa do Consumidor

Gilson Rasador* e Mario Ernesto Humberg*

*Advogado, é coordenador do PNBE.
**Consultor de ética e jornalista, é Presidente do Conselho Consultivo do PNBE

O descalabro do Banco Master, causador de colossais danos, perdas, desfalques e rombos, vai além de seus gestores, e evidencia a prática cotidiana de muitas instituições financeiras, que negociam CDBs e quotas de obscuros fundos de investimentos, FIDCs e outros, cuja avaliação por auditores independentes, é deficiente, não existente ou até tendenciosa.

Ao mesmo tempo gestores de fundos de previdência de funcionários públicos, em geral indicados por políticos de todos os matizes, sem o necessário caráter e com muito poder, mostraram a vulnerabilidade e o risco dos aposentados e pensionistas que dependem da saúde financeira de tais fundos para sobrevivência.

Neste contexto, conquanto seja desalentador o histórico de punição aos maus banqueiros, políticos e gestores de recursos de terceiros, mormente em razão de suas relações próximas e promíscuas com quem tem o dever de punir os desvios de conduta, é momento oportuno para fazer valer a autoridade do Código de Defesa do Consumidor (Lei n. 8.078/1990).

Com base no mandamento constitucional de que o Estado promoverá a defesa do consumidor, o Código determina, de forma peremptória, que o fornecedor de serviços é responsável, independente de culpa, pela reparação dos danos causados aos consumidores por serviços defeituosos, que não fornecem a segurança que deles se pode esperar, bem como por informações insuficientes ou inadequadas sobre sua fruição e riscos.

Assim, diante ampla rede de falsidades, simulações e manipulações, o CDC impõe, não só ao Banco Master e seus administradores, mas também às instituições financeiras que ofereceram ou orientaram seus clientes a investirem em títulos daquele banco, a responsabilidade pelos danos causados a investidores e a dependentes de fundos de previdência.

Nesse sentido, embora não vendo desvio de conduta no caso julgado (REsp 1724722/RJ), o Superior Tribunal de Justiça afirmou que “a má gestão, consubstanciada pelas arriscadas e temerárias operações com o capital do investidor, ou a existência de fraudes torna o administrador responsável por eventuais prejuízos.” Igualmente os gestores dos fundos de previdência e outros que realizaram a má gestão dos recursos de aposentados e pensionistas merecem exemplar responsabilização.

REPORTAGEM ESPECIAL

Bioinsumos avançam nas lavouras do RS

Com foco na redução de custos de produção, na melhora das condições dos solos e da nutrição das plantas, agricultores gaúchos começam uma migração sem volta para os bioinsumos que, além de todos esses benefícios, ainda contribuem para mitigação dos efeitos da estiagem a campo

Ana Esteves, especial para o JC

O uso de bioinsumos nas lavouras gaúchas tem crescido de forma consistente nos últimos anos e tende a se consolidar como uma tecnologia permanente e cada vez mais demandada no campo, seja para pequenas ou grandes propriedades. Divididos entre duas grandes classes, os inoculantes, que atuam na nutrição e crescimento das plantas, e os defensivos biológicos que focam na proteção contra pragas e doenças, são produzidos a partir de microrganismos benéficos como fungos e bactérias e têm atraído cada vez mais produtores pela possibilidade de reduzir custos de produção e pelos efeitos positivos sobre a saúde das plantas e do solo.

Embora também estejam presentes na fruticultura e na horticultura, os bioinsumos têm maior presença nas lavouras de grãos. A soja e a cana-de-açúcar representam mais de 40% do mercado nacional de produtos biológicos, seguidas do milho e do arroz. Em sistemas de produção de frutas, são utilizados em culturas como banana e citros, além de aparecerem na produção de mudas de hortaliças.

“É um processo irreversível pelo benefício econômico, pois bioinsumos costumam ter custo significativamente menor do que insumos químicos convencionais. Claro que tem vantagens do ponto de vista ambiental, na sustentabilidade dos sistemas produtivos, mas para o agricultor, o que pesa mais é a questão do custo”, afirma o coordenador técnico estadual

de horticultura da Emater-RS/Ascar, Gervásio Paulus.

Na safra 2023/2024, foi registrado no Brasil incremento de 15% no uso dessas tecnologias, atingindo R\$ 5 bilhões em vendas, de acordo com a CropLife Brasil. Destacando-se na produção global, com um crescimento de 30%, enquanto a média mundial foi de 18%, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

Os dados foram levantados pela coordenadora da Comissão de Meio Ambiente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Paula Hofmeister, que destaca que, entre as vantagens

dessas ferramentas está a maior segurança de aplicação e resultados significativos nas safras. “O mercado nacional possui mais de 334 unidades produtoras de bioinsumos.

Estima-se que o mercado venda cerca de R\$ 1,4 bi-

lhão em produtos para biocontrole e R\$ 400 milhões em inoculantes e que os produtos biológicos atendam mais de 50 milhões de hectares pelo Brasil. Existem registrados no Mapa mais de 1.000 produtos biológicos, sendo cerca de 500 para biocontrole e a mesma quantidade aproximada de inoculantes”, informa Paula.

Nos sistemas de produção brasileiros, cerca de 10 milhões de hectares recebem produtos para o controle biológico de pragas e ao menos 40 milhões de hectares são cultivados com bactérias promotoras de crescimento de plantas.

Leia mais nas próximas páginas >>

GUILHERME MARAGNO/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC



REPORTAGEM ESPECIAL



Setor já movimenta bilhões e cresce acima da média global, impulsionado por eficiência e sustentabilidade; menor custo e maior produtividade ampliam adesão de produtores

Uso de tecnologias cresce e redefine custos no agro

Tecnologia se consolida nas lavouras com impacto direto na rentabilidade e menor dependência de insumos químicos

Ana Esteves, especial para o JC

Os insumos biológicos podem entregar coisas que os químicos não entregam, como a redução da dependência de fertilizantes importados e conferir maior resistência à planta em momentos de estresses fisiológicos, como seca e frio. “Não conheço um produtor que esteja arrependido de ter usado produtos biológicos. Às vezes, vemos relatos de que não funcionou, mas isso ocorre pela não observância de

questões técnicas”, aponta a engenheira agrônoma, professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR), Emanuele Junges.

A adoção dos bioinsumos é mais consolidada em médias e grandes propriedades, onde produtores têm maior acesso à informação, assistência técnica e estrutura para experimentação. Em algumas regiões do País, especialmente nas grandes áreas produtoras de grãos do Centro-Oeste, a tecnologia já apresenta forte expansão. No Rio Grande do Sul, o uso ainda avança de forma gradual, embora esteja presente em diferentes sistemas produtivos.

Outro fator que impulsiona a tecnologia é a possibilidade de produção de microrganismos na

própria propriedade, conhecida como sistema on farm. A legislação nacional, aprovada no final de 2024, passou a permitir essa prática, desde que haja acompanhamento de um responsável técnico e que a produção não tenha finalidade comercial.

“Nesses casos, é preciso ter cautela, pois a multiplicação de microrganismos isolados exige controle rigoroso de qualidade e infraestrutura adequada. O ideal é que esse tipo de produção seja realizada preferencialmente por cooperativas ou associações que dispõem de maior capacidade técnica”, aponta o coordenador técnico estadual de horticultura da Emater-RS/Ascar, Gervásio Paulus.

CONTROLE DE PRAGAS

A versatilidade é um dos

diferenciais dos bioinsumos: produzidos com base em microrganismos ou compostos de origem biológica, eles são utilizados para os mais variados fins: controle de pragas e doenças, promoção do crescimento das plantas, controle de nematoides no solo, e aumento da resistência a estresses ambientais, como seca e frio.

Emanuele afirma que grande parte dos bioinsumos utilizados atualmente é baseada em microrganismos como bactérias, fungos e vírus, que atuam diretamente no sistema produtivo das plantas. “Embora muitas vezes sejam classificados em categorias específicas, como biofungicidas, bioinseticidas ou bionematicidas, esses produtos frequentemente apresentam múltiplos efeitos no sistema

produtivo”, explica a pesquisadora.

Entre as aplicações mais consolidadas dos bioinsumos está o uso de inoculantes microbiológicos, especialmente em culturas como a soja. Esses produtos permitem a fixação biológica de nitrogênio pelas plantas, reduzindo a necessidade de fertilizantes nitrogenados. Em algumas culturas, estudos indicam potencial de redução de até 25% na adubação nitrogenada, dependendo das condições de manejo e da qualidade do solo.

“Esses resultados variam conforme o histórico da área. Propriedades que já adotam práticas de conservação do solo e manejo integrado tendem a obter melhores respostas com o uso dessas tecnologias”, diz Emanuele.

EMANUELE JUNGES/ARQUIVO PESSOAL/JC



Emanuele diz que resultados dependem do histórico da área

A pesquisadora é uma das pioneiras no Estado a estudar e lecionar sobre bioinsumos que despertam cada vez mais o interesse dos alunos pelo potencial que apresentam e por acompanhar a demanda crescente do mercado agrícola por tecnologias mais eficientes e sustentáveis. “O interesse dos estudantes tem aumentado nos últimos anos, e muitos profissionais formados recentemente já ingressam no mercado de trabalho atuando diretamente com tecnologias biológicas aplicadas à agricultura”, afirma.

Uma característica importante das pesquisas com bioinsumos é o foco em soluções práticas para o sistema produtivo. Diferentemente de estudos altamente especializados em apenas uma cultura ou tecnologia, muitos projetos buscam desenvolver ferramentas que possam ser aplicadas em diferentes cadeias agrícolas. Entre as culturas estudadas estão soja, milho, arroz, hortaliças, frutas e flores, o que amplia o alcance das pesquisas.

Parte desse trabalho também tem como objetivo desenvolver tecnologias acessíveis à agricultura familiar, embora muitas das soluções também possam ser utilizadas em propriedades de maior escala. “Procuramos desenvolver ações bem diversificadas para contemplar diferentes culturas e modos produtivos”. A partir do desenvolvimento de pesquisas são feitas parcerias com outras instituições e empresas, especialmente quando o objetivo é avançar em etapas mais específicas do desenvolvimento tecnológico.

Crescimento e mercado



Área atendida no Brasil

- 50 milhões de hectares atendidos por produtos biológicos
- 10 milhões de hectares com controle biológico de pragas
- 40 milhões de hectares com bactérias promotoras de crescimento

FONTE: LEVANTAMENTO FARSUL

Classes de biodefensivos registrados

(até 26 de fevereiro de 2026)

- | | |
|---|-----------------------------------|
| ♦ Acaricida microbiológico (77 registros) | ♦ Fungicida (2 registros) |
| ♦ Agente biológico de controle (93 registros) | ♦ Fungicida microbiológico (181) |
| ♦ Ativador de planta (1 registro) | ♦ Inseticida (1) |
| ♦ Bactericida microbiológico (5 produtos) | ♦ Inseticida microbiológico (406) |
| ♦ Feromônio (50 registros) | ♦ Nematicida (1) |
| | ♦ Nematicida microbiológico (131) |

- Um mesmo produto pode ser registrado em mais de uma categoria, por isso, somando o número individual por categoria, dá mais do que os 834 registros.

- O setor de biodefensivos apresenta consistência e crescimento continuado ao longo dos anos, apresentando uma média de crescimento acima de 25% ao ano.

Classes de inoculantes registrados

(até 12 de janeiro de 2026)

♦ Foram 952 registros por cultura, para 47 culturas diferentes

O setor de inoculantes biológicos apresenta consistência e crescimento continuado ao longo dos anos, apresentando uma média de crescimento acima de 16% ao ano.

Em termos de culturas tratadas com inoculantes biológicos, o levantamento da ANPIL Bio mostra que **a soja lidera a utilização, com 75% do consumo**, seguida pelo **milho, com 16% e cana com 4%**. O cenário mostra que outras culturas ainda trazem enormes oportunidades de crescimento na adoção e desenvolvimento para os inoculantes no País, com potencial de expansão nos benefícios ambientais e econômicos para nossa produção agrícola.

FONTE: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROMOÇÃO E INOVAÇÃO DA INDÚSTRIA DE BIOLÓGICOS(ANPIL BIO).

Inovação incrementa produtividade e confere resistência à seca

A busca por sistemas produtivos mais eficientes e sustentáveis tem levado produtores rurais a incorporar os bioinsumos ao manejo das lavouras. Na Espinilho Agricultura e Pecuária, no município de Cruz Alta, a produção própria dessas novas tecnologias passou a fazer parte da rotina e já apresenta resultados tanto econômicos quanto agrônômicos.

“Em termos de custo-benefício, investimos menos de uma saca por hectare para fazer a multiplicação e a produção desses biológicos e temos como resultado um acréscimo de 2,5 a 3,5 sacas por hectare com nesse manejo, além de possibilitar maior resiliência do sistema produtivo e resistência à seca”, afirma o administrador de empresas, Mateus Beck que, junto com o pai, Roberto Beck é proprietário da Espinilho.

A iniciativa começou em 2023, por meio de uma parceria com uma empresa do Paraná, responsável por fornecer as cepas microbianas e os equipamentos necessários para a multiplicação dos produtos biológicos.

À fazenda, coube estruturar a base física da biofábrica, com instalação de base de concreto, sistema elétrico e hidráulico, além de assumir a operação do processo. “Hoje, a multiplicação dos microrganismos é realizada pela equipe técnica da proprie-

dade. Um engenheiro agrônomo coordena o planejamento da produção, definindo quais bioinsumos serão multiplicados e em que áreas da lavoura serão aplicados, além de controlar o volume produzido na biofábrica”, afirma Beck.

Na unidade instalada na fazenda são produzidos diferentes tipos de bioinsumos utilizados ao longo de todo o ciclo produtivo das culturas. Entre eles estão bioinseticidas, biofungicidas, bioestimulantes, solubilizadores de fósforo e nematicidas. Em muitos casos, uma mesma cepa de microrganismo pode desempenhar mais de uma função agrônômica e os produtos são utilizados desde o plantio, aplicados diretamente no sulco, até as fases finais do ciclo das culturas, quando as últimas aplicações são realizadas, inclusive por via aérea.

“Os biológicos não substituem completamente os defensivos químicos, especialmente no caso dos fungicidas, que ainda apresentam maior eficiência em determinadas situações. No entanto, o uso complementar dos bioinsumos tem permitido reduzir significativamente o volume de agroquímicos utilizados”, destaca Beck.

A adoção do manejo biológico já trouxe impactos práticos para o sistema produtivo da fazenda, permitindo reduzir o uso de agroquímicos nas lavouras. Além de

representar um ganho ambiental, a mudança também contribui para reduzir custos de produção. Isso ocorre porque o processo de multiplicação dos microrganismos tem baixo custo operacional. O modelo adotado na Fazenda Espinilho também diminui o investimento inicial necessário para implantação da biofábrica.

Como a empresa parceira fornece os equipamentos e as cepas utilizadas na multiplicação, o produtor precisa investir apenas na estrutura básica e na mão de obra para operar o sistema. “Com isso, o retorno econômico tende a ocorrer rapidamente. Segundo estimativas da própria fazenda, o investimento pode se pagar já no primeiro ano de operação, considerando o baixo custo de reprodução dos

microrganismos”, diz Beck.

Apesar das vantagens, a produção de bioinsumos exige cuidados técnicos rigorosos. O principal risco do processo está na possibilidade de contaminação durante a multiplicação dos microrganismos. Para evitar perdas de eficiência, a biofábrica precisa operar em ambiente controlado.

O uso de equipamentos de proteção, como máscara, luvas e uniformes específicos, faz parte da rotina dos profissionais que trabalham no local. Como os bioinsumos são compostos por microrganismos vivos, qualquer contaminação pode comprometer a população microbiana da solução produzida, reduzindo sua eficácia no campo.

Outro benefício observado pela equipe da Espinilho está relacionado ao desenvolvimento das plantas. Os bioinsumos estimulam o crescimento radicular e aumentam a disponibilidade de nutrientes no solo, fortalecendo o sistema radicular das culturas. Esse efeito foi percebido especialmente durante os períodos recentes de estiagem. Nas áreas onde o manejo biológico foi adotado, as plantas apresentaram maior capacidade de manter a estrutura foliar mesmo após longos períodos sem chuva.

MATEUS BECK/ARQUIVO PESSOAL/JC



Beck destaca retorno econômico

Leia mais nas próximas páginas ►►

REPORTAGEM ESPECIAL

É preciso praticar uma agricultura que preserve o meio ambiente, diz pesquisador da Embrapa

Ana Esteves, especial para o JC

A busca por uma agricultura mais resiliente e sustentável passa pela adoção de insumos biológicos nas lavouras, hortas, pomares e videiras. É o que defende o pesquisador da Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves, Orivaldo José Saggin Júnior. Estudioso dos fungos micorrízicos, um tipo de bioinsumo que funciona como uma extensão do sistema radicular da planta, Saggin Júnior fala nesta entrevista, concedida com exclusividade para o Jornal do Comércio, sobre as vantagens produtivas e econômicas dessa tecnologia, inclusive como fator de redução da dependência brasileira à importação da mesma.

Empresas & Negócios - Cada vez mais se fala na promoção de uma agricultura regenerativa, resiliente, apostando em sustentabilidade, então o uso de bioinsumos é um caminho sem volta, especialmente em tempos de mudanças climáticas?

Orivaldo José Saggin Júnior - Acredito que sim: o caminho é buscar uma agricultura mais sustentável, menos dependente de insumos químicos, principalmente fertilizantes e agrotóxicos que são na maior parte importados. E buscar uma agricultura que preserve o meio ambiente, o teor de matéria orgânica do solo, que mantenha o ambiente do solo estável, com uma microbiota diversa. Não tem outro caminho se a gente quiser ter uma agricultura sustentável por muitos anos.

E&N - Alguns bioinsumos podem conferir maior resistência às plantas em situações de estresse, que aliás se repete neste ano. Fale um pouco sobre essa vantagem.

Saggin Júnior - Também tem esse lado da possibilidade de ter uma cultura com resistência maior aos eventos climáticos, que daqui para frente serão recorrentes. E os micorrízicos têm essa característica, pois as fibras deles funcionam como uma extensão do sistema radicular, chegam em poros muito pequenos, que a raiz

não consegue penetrar e consegue pegar nesses poros a água e o nutriente que estão lá. Então, ele ajuda a planta a usar a água do solo que não estaria acessível à raiz. Eles não são fungos específicos então, podem colonizar diferentes plantas.

E&N - Existe uma dependência gigantesca do Brasil da importação de insumos, principalmente de fertilizantes. A guerra na Ucrânia impactou bastante nessa situação. Essas novas tecnologias também têm reflexo direto nesse cenário?

Saggin Júnior - Quanto mais tecnologia, menos dependentes de fertilizantes. É importante entender que nossos solos já têm uma fertilidade construída. Por exemplo, usamos fosfato há anos, na maior parte dos nossos solos. E o fosfato é um fertilizante que é fixado no solo, ele pode não ficar disponível para a planta, mas ele está lá no solo. Então, quando temos tecnologias que conseguem recuperar esse fosfato que está no solo, recuperamos essa fertilidade que foi construída ao longo de muitos anos de cultivo.

E&N - O trabalho da Embrapa nessa área de bioinsumos já vem de longa data e a pioneira nas pesquisas nessa área foi uma mulher. Conte um pouco sobre essa história.

Saggin Júnior - A história dos bioinsumos no Brasil começa com as pesquisas da doutora Johanna Döbereiner, nascida em Aussig, antiga Checoslováquia. Seu pai, que era físico-químico, mudou-se com a família para a capital quando Johanna ainda era pequena, e foi professor de Química na Universidade de Praga. Era também proprietário de uma pequena fábrica de produtos químicos de uso na agricultura. Terminada a Segunda Guerra Mundial, a população de língua alemã foi intensamente perseguida na Checoslováquia, os que sobreviveram foram expulsos do país. Foi o que aconteceu com Johanna, que seguiu com os avós para a Alemanha Oriental, onde trabalhou para o sustento dos três, numa fazenda, ordenhando vacas e espalhando esterco



Para Saggin Júnior, insumos biológicos podem aumentar a resiliência das lavouras frente às mudanças climáticas

para adubar o solo. Na década de 1950 ela veio para o Brasil para trabalhar na Embrapa Agrobiologia, onde começou a pesquisar bactérias que fixavam nitrogênio e leguminosas e bactérias que fixavam nitrogênio em gramíneas.

E&N - Fale um pouco sobre o trabalho da Embrapa, nessa área de bioinsumos, em especial sobre a sua linha de pesquisa que envolve videiras para produção comercial de uvas.

Saggin Júnior - Hoje temos inoculantes de bactérias para fixar nitrogênio que ajudam a solubilizar fósforo, e temos inoculante que ajuda na resistência à seca. São várias linhas de pesquisas que vão ampliando o leque de ação dos microrganismos. O meu trabalho é com fungo micorrízico e nesse momento estou fazendo um backup da coleção de fungos que tem na Embrapa Uva e Vinho. Com esse backup, eu vou começar a testar quais fungos que vão promover melhor o crescimento da videira. Além disso, temos um projeto para introdução desses

fungos na videira, via plantas de cobertura. A ideia é que a planta consiga se nutrir melhor, pois os fungos micorrízicos funcionam como uma extensão do sistema radicular. As raízes delas vão no solo, vão mais longe que as raízes, vão em poros que a raiz não consegue penetrar. Nesses poros pequenos ele consegue absorver nutrientes e água e ele aumenta a superfície de contato com o solo.

E&N - Como o senhor avalia essa onda de produção de bioinsumos on farm, especialmente no que diz respeito à segurança, uma vez que se tratam de microrganismos que podem ser nocivos aos humanos?

Saggin Júnior - Tem que ter muito cuidado quando a gente tá produzindo microrganismos desconhecidos numa condição de pouco controle. Os microrganismos que são recomendados pela Embrapa são testados, verificado se não têm nenhuma informação de patogenicidade a humanos. São microrganismos seguros de se mexer, mas nem todos os microrganismos que promovem o crescimento de planta são inócuos ao ser humano, pois podem provocar doenças. Não podemos substituir o agrotóxico que faz mal por um processo em que o agricultor está manipulando um microrganismo que também pode trazer prejuízos. Tem que ter pesquisa, tem que ter segurança no que tá sendo colocado lá no campo.

E&N - Se fala muito na questão da redução dos custos de produção, quando o produtor opta pelo uso de bioinsumos.

Isso realmente se verifica na prática?

Saggin Júnior - Quando falamos num agricultor familiar, talvez compense a ele produzir alguma quantidade de bioinsumos on farm, mas se for uma agricultura de ponta, essa economia é insignificante e é preciso avaliar se vai valer a pena colocar essa pessoa em risco. A legislação que está sendo construída prevê que, para produzir na fazenda, tem que ter um técnico especializado que saiba como manipular os bioinsumos, pois o risco é grande, principalmente quando se fala de fungo. Tem produtor que cheira o composto para ver se a fermentação está boa, assim ele inala esporos de fungo que pode levar a uma pneumonia fúngica grave.

E&N - Quais os caminhos que esses produtos desenvolvidos pela Embrapa percorrem até chegar aos consumidores?

Saggin Júnior - O caminho é meio complicado: desenvolvemos essas pesquisas com fungo micorrízico, que é mais complexo que bactéria, ele é testado a campo, identificamos que determinada cepa do microrganismo é eficiente para determinada cultura, seja para resistência à seca, ou para solubilizar fósforo, entre outros. Depois para a gente evoluir na pesquisa, geralmente fazemos um projeto junto com alguma empresa que tem interesse de produzir esse microrganismo, com algumas fontes de financiamento específicas. Somente depois é que o produto pode chegar ao consumidor final que é o produtor.



Hoje temos inoculantes de bactérias para fixar nitrogênio que ajudam a solubilizar fósforo, e temos inoculante que ajuda na resistência à seca

REPORTAGEM ESPECIAL

Agropecuária de Manoel Viana trabalha com foco no equilíbrio do sistema produtivo

Historicamente, a agricultura tradicional sempre foi muito dependente de insumos químicos, que, ao mesmo tempo em que controlavam as pragas e doenças, eliminavam os inimigos naturais e desequilibravam cada vez mais o meio ambiente. Foi ao buscar alternativas para quebrar este ciclo que a engenheira agrônoma e proprietária da Agropecuária Nemitz, de Manoel Viana, Carla Antolini Nemitz encontrou os bioinsumos. “Mas eram poucos e muito caros. Então, em 2016 descobri na produção on farm, uma alternativa para reduzir custos e que nos permite produzir nossos próprios insumos”, conta.

O próximo passo foi a construção da biofábrica para multiplicação de bactérias e de fungos, com tanques de inox, controle de aeração (qualidade e quantidade de ar), controle de temperatura e limpeza semiautomática. Na propriedade, a família Nemitz produz nematocidas, inseticidas, inoculantes, fungicidas, condicionadores de solo, solubilizadores e indutores de crescimento e de resistência.

“Buscamos construir um solo biologicamente ativo e mais re-



Construção da biofábrica auxilia na produção dos próprios insumos

sistente”, diz. Para isso, além dos bioinsumos eles trabalham com a construção de perfil de solo, plantio direto, rotação de culturas, mixes de cobertura, integração lavoura e pecuária, com foco em construir um sistema mais sustentável e autossuficiente.

Carla conta que cerca de 60% dos insumos que utiliza são biológicos, o que possibilitou redução dos custos de produção das

lavouras de soja, arroz e milho. Mesmo assim, ainda é preciso conciliar com o uso de defensivos químicos, principalmente herbicidas. “Para tal, adotamos manejo integrado, com monitoramento constante, para sermos mais assertivos e usarmos com mais eficiência os defensivos químicos”, explica a engenheira agrônoma.

A produção on farm exige ca-



Carla relata que é preciso reduzir o desenvolvimento de contaminantes

pricho e cumprimento dos protocolos de limpeza, multiplicação e armazenagem, além do uso de inóculos confiáveis. Cada espécie tem o seu meio de cultura, sua temperatura e aeração ideal e seu tempo de multiplicação.

A limpeza das biofábricas e dos ambientes, filtragem e tratamento da água e do ar, são importantes para reduzir ao máximo o desenvolvimento de

contaminantes, como bactérias oportunistas, leveduras ou fungos contaminantes que podem crescer durante a fermentação. “Estamos trabalhando com organismos vivos, então após a multiplicação devemos atentar para temperatura e tempo de armazenagem, cuidar misturas a serem realizadas para a aplicação e horário de aplicação”, explica.

Produtor investe no manejo das lavouras para reduzir custos e enfrentar estiagem



Karlinski busca restabelecer o equilíbrio biológico do solo

A busca pela redução dos custos e por maior resiliência produtiva tem levado produtores rurais a adotar os insumos biológicos como alternativa de manejo nas lavouras. Em meio a quebras de safra recentes provocadas por estiagens no Rio Grande do Sul, iniciativas locais começam a ganhar escala e a transformar a lógica econômica de pequenas propriedades.

No município de São Domingos do Sul, na Região Norte do RS, produtores organizados por meio do sindicato rural passaram a investir na produção e uso de microrganismos a campo, com foco na diminuição da dependência de insumos químicos, um dos principais componentes do custo de produção.

O movimento também ganhou força após sucessivas perdas provocadas por eventos climáti-

cos extremos como as estiagens que já viraram rotina no Estado. Entre esses agricultores está o produtor de grãos Felipe Karlinski que utiliza colônias de microrganismos cultivadas em ambiente controlado e depois elas são aplicadas no solo ou nas plantas. “O objetivo é restabelecer o equilíbrio biológico do solo, inspirado em sistemas naturais, como o ambiente de florestas, onde a diversidade microbiana reduz a incidência de doenças”, afirma.

O produtor já começou a colher os frutos do uso da nova tecnologia, com a redução expressiva nos custos de produção referentes a defensivos agrícolas, especialmente em tratamentos fitossanitários. Em alguns casos, a substituição parcial de aplicações químicas por soluções biológicas tem gerado economia entre 60% e 70% nos chamados

tratos culturais, que incluem o manejo de pragas e doenças.

Mas, apesar dos resultados, Karlinski afirma que a transição exige tempo, já que o sistema depende do reequilíbrio biológico do solo, algo demorado e que leva os ganhos mais consistentes a aparecerem no médio prazo. Além da redução de custos, os bioinsumos têm impacto direto na qualidade do solo, pois o aumento da matéria orgânica e da atividade microbiana melhora a capacidade de retenção de água, fator estratégico em períodos de estiagem.

“Alguns desses microrganismos dão maior capacidade de resignação para a planta, restando mais água no solo além de permitir melhor cobertura do mesmo e fazer com que a matéria orgânica no solo aumente gradativamente”, explica.

MINUTO VAREJO



RENAN COSTANTIN/DIVULGAÇÃO/JC

No Bourbon Carlos Gomes, mais novo shopping do Zaffari, a operação, aberta em outubro de 2025, ganhou acesso interno inusitado para o ambiente da gelateria Freddo

Livraria Paisagem multiplica unidades no Estado

Rede tem origem em distribuidora no Rio e abre lojas em São Paulo e no mercado gaúcho

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Uma livraria que nasceu após a pandemia de Covid-19 e ainda na carona da crise das gigantes Saraiva e Cultura está multiplicando a presença no Rio Grande do Sul. A Paisagem, com sede no Rio de Janeiro, já está em três shopping centers do Grupo Zaffari, agregou mais dois quiosques (Bourbon Country e ParkShopping Canoas) e vai ter uma loja de quase 400 metros quadrados no Park, que abre em 31 de março. Com o novo ponto, a marca chegará a 10 unidades, sendo oito lojas (quatro no Estado e quatro em São Paulo) e dois quiosques gaúchos. São 70 funcionários no total entre os pontos, sendo 40 nas unidades do Rio Grande do Sul. “As operações estão bem. Em Canoas, montamos um quiosque em novembro, logo que assinamos o contrato da futura loja e está vendendo muito bem”, destaca Aguiemério Silva, um dos sócios da Paisagem. A expansão no Estado vem ga-

nhando tração, principalmente com a recepção do público, cita ele. Uma quinta unidade deve ser aberta este ano no mercado paulista, adianta o também diretor da marca.

“O shopping de Canoas não tem livraria, então a perspectiva é muito boa de vendas. O Park tem um fluxo muito grande”, entusiasma-se Silva. No complexo de Canoas, a loja tem 385 metros quadrados e fica no terceiro andar. Para o Park, a operação reforça a “reocupação de espaços no varejo livreiro, especialmente em centros comerciais”. “A abertura reforça Canoas como um polo de consumo relevante na Região Metropolitana e amplia a oferta cultural no shopping”, comenta, em nota, o superintendente do complexo, Luís Vilarinho. Já a operação no ParkShopping Canoas tem mais de 30 mil livros, com 10 mil títulos, com o portfólio da editora alemã Taschen, com títulos famosos ligados a artes. Essas coleções estão nas outras unidades. Algumas edições custam mais de R\$ 5 mil.

A chegada da Paisagem ao Rio Grande do Sul ocorreu em 2023. Antes, a marca tinha aberto a primeira unidade em 2021, em São Paulo. No Sul, a estreia foi

no Moinhos Shopping, também do Zaffari, no bairro Moinhos de Vento, região nobre da Capital. No Bourbon São Paulo, também tem ponto da marca. Depois, a Paisagem assumiu o antigo espaço deixado pela Livraria Cultura no Bourbon Country. Em outubro passado, foi a vez de abrir no Bourbon Carlos Gomes, onde, aliás, agora tem uma passagem interna para a gelateria Freddo, que fica ao lado. O acesso inusitado virou atrativo tanto para frequentadores da gelateria como do varejo livreiro.

A frente mais recente é um quiosque no Country, vizinho ao Iguatemi Porto Alegre, com acervo infantil, literatura e arte. “Estamos bem na entrada principal do shopping, perto de onde vai ser a futura Daiso (japonesa). É bem diferente e ficou bem bonito. Vamos ficar por tempo indeterminado”, detalha Silva. Para os empreendimentos, ter uma livraria virou sinônimo de movimento e mais tempo de permanência.

A Paisagem se consagrou nesse tipo de importação, com 45 anos de operação. É a maior importadora de títulos de arte no Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Nesse segmento, são 20 funcionários. A decisão de criar lojas físicas teve muito a ver com



LIVRARIA PAISAGEM/DIVULGAÇÃO/JC

Projeto mostra como vai ser o visual da unidade no ParkShopping



LIVRARIA PAISAGEM/DIVULGAÇÃO/JC

No Bourbon Country, a marca abriu quiosque perto da futura Daiso

a crise da Saraiva e Cultura, que eram as maiores clientes da importadora e deixaram uma dívida milionária, explicou Silva. Com

a saída de cena das duas gigantes, Aguiemério observa que ficou uma lacuna de vendas. A estratégia foi entrar no varejo final.

RESPONSABILIDADE SOCIAL



Iniciativa se consolida como um espaço de acolhimento, orientação e integração de pessoas que chegam ao Estado vindas de diferentes partes do mundo

Iniciativa no Rio Grande do Sul promove integração de migrantes e refugiados

A Casa de Imigrantes e Refugiados do RS auxilia na inserção de estrangeiros no Estado

Sofia Kramp Leke
sofia@jcrs.com.br

A Casa dos Imigrantes e Refugiados do Rio Grande do Sul surge marcada por demandas históricas e ainda contínuas relacionadas aos fluxos migratórios no Brasil. Com atuação concentrada no Rio Grande do Sul, a iniciativa se consolida como um espaço de acolhimento, orientação e integração de pessoas que chegam ao Estado vindas de diferentes partes do mundo, muitas vezes em situação de vulnerabilidade. Iniciativas como as da Casa se tornam cada vez mais centrais para garantir acolhimento e dignidade a quem chega.

A origem da organização está diretamente ligada à mobilização social de lideranças migrantes. Como explica o presidente Geraldo Canhanga do Carmo da Silva, a criação da organização não ocorreu de forma isolada, mas partiu de um processo coletivo de atuação junto a comunidades estrangeiras no Estado. “Em 2023,

demos início à construção e à formalização jurídica da Casa dos Imigrantes, que foi finalizada no ano passado. E assim a ação foi crescendo”, relata.

Desde então, o número de atendimentos segue em expansão. “Hoje, acredito que passaria em torno de 4 mil imigrantes atendidos, visto que, dos cursos de três em três meses, cada turma chega a ter até 40 migrantes”. Além das aulas de língua portuguesa, a ONG oferece empregabilidade, regulamentação de documentos e até mesmo orientação para a formação de MEI, todos serviços acompanhados e encaminhados para os respectivos órgãos públicos responsáveis para que haja facilidade na obtenção de informações para quem chegou recentemente ao território brasileiro. Outro ponto destacado é o acesso a direitos básicos, em que a Casa também auxilia no entendimento e na utilização de serviços públicos, como o Sistema Único de Saúde (SUS) e a rede de ensino.

No quesito do mercado de trabalho, a organização desenvolve ações voltadas para a inserção no mercado de trabalho com o objetivo de promover a autonomia. São oferecidas orientações sobre elaboração de currículo,

comportamento em entrevistas e adaptação ao ambiente profissional brasileiro. A instituição busca estabelecer conexões com empresas e parceiros para ampliar as oportunidades de emprego para os atendidos na instituição. A proposta é possibilitar que migrantes transformem conhecimentos e experiências anteriores em oportunidades concretas de trabalho.

A instituição atua como um suporte essencial na chegada dessas pessoas, diminuindo, assim, barreiras linguísticas, preconceitos e dificuldades na inserção de um novo país. “O Brasil tem avançado muito dentro da perspectiva migratória, mas é claro que, perante a proporção que é a demanda, ainda há passos se tratando da proporção. É considerável que seja um avanço, mas ainda é desproporcional”, explica Canhanga. Os motivos que levam essas pessoas a deixarem seus países são diversos, porém, o presidente destaca a diferença entre migração e refúgio.

“A migração normalmente se dá por pessoas que buscam uma melhor condição de vida. Já os refugiados são pessoas que são forçadas a sair do seu país em busca de proteção”. Entre os principais fatores, ele cita crises climáticas,

guerras e perseguições. “Toda guerra pressupõe uma migração forçada. No momento que está acontecendo isso, tem pessoas que estão buscando refúgio para proteger a vida”.

Um dos principais desafios da Casa é não possuir um espaço físico para poder operacionalizar e melhorar o atendimento. “Vemos muitos desafios, mas o maior deles é não ter um espaço físico para poder operacionalizar todo o nosso atendimento. Temos essa associação da sociedade civil que presta um trabalho que é de responsabilidade do Estado e que impacta uma comunidade, mas ainda assim não se tem um espaço físico”, afirma Canhanga.

Além disso, a instituição reforça a necessidade de fortalecimento de políticas públicas voltadas a essa população, especialmente em nível local. A falta desse local impacta diretamente a visibilidade e a continuidade dos serviços. “Quando se tem um espaço de referência, isso traz luz à pauta e dá um ponto de apoio para quem precisa de atendimento”. Ainda assim, a organização mantém suas atividades por meio de articulações locais, promovendo cursos, eventos e ações de integração em diferentes cidades da Região Metropolitana.

Participação comunitária é fundamental

A participação da comunidade local é um elemento fundamental não só para o fortalecimento do trabalho desenvolvido pela Casa, mas especialmente para as próprias pessoas que chegam ao Estado. O envolvimento da sociedade pode ocorrer de diversas formas, desde ações voluntárias até a construção de redes de apoio que favoreçam a integração social e cultural dos migrantes.

Moradores podem contribuir, por exemplo, participando como voluntários em cursos de língua portuguesa, auxiliando no ensino e na adaptação linguística, uma das principais barreiras enfrentadas por quem chega ao País. Profissionais de diferentes áreas também podem oferecer orientações básicas sobre o funcionamento de serviços públicos, mercado de trabalho e direitos sociais brasileiros.

A doação de roupas, alimentos e itens de higiene é outra forma prática de colaboração, principalmente em momentos iniciais de acolhimento, quando muitos migrantes chegam sem recursos. “Uma das movimentações necessárias é desconstruir um pouco do que as pessoas acham sobre os imigrantes, desconstruir diversas fábulas e muitas questões de protecionismo. É importante trazer à luz de que todos nós somos iguais perante a lei”, afirma Canhanga.

O reconhecimento do trabalho, no entanto, já ultrapassa as fronteiras do Estado. Canhanga relata a participação em espaços internacionais. “Hoje eu estou no Rio de Janeiro participando do primeiro encontro de lideranças migrantes da América Latina”. Segundo ele, o convite demonstra a relevância que a atuação da Casa dos Imigrantes e Refugiados do Rio Grande do Sul possui.

“Uma instituição como a Organização Internacional para as Migrações reconhecer o nosso trabalho e nos convidar para fazer parte desse movimento, mostra que temos sinalizado bons indicadores”. A expectativa agora é que esse reconhecimento contribua para fortalecer a estrutura da organização para que o alcance dessas ações seja ampliado mais ainda.

Crédito ágil para o seu negócio.

Banrisul Giro Digital

é a linha de crédito ideal para necessidades de caixa, investimentos e melhorias no seu negócio.

- ◆ Contrate 100% online pelo Office Banking ou app Banrisul.
- ◆ Pague em até 12x, com liberação rápida dos recursos.

Acesse e
saiba mais >



* Disponível para clientes com limite previamente aprovado.

Banrifone

Porto Alegre (51) 3210 0122
Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



 **banrisul**
empresas

Siga nossas redes sociais:

